



A Reforma da Previdência de Bolsonaro, os R\$ 40 milhões e o nosso desafio

Para tentar acabar com aposentadorias que, em sua grande maioria, são do valor de um salário mínimo; e para obrigar a população brasileira a trabalhar até morrer ou morrer de fome porque não conseguem emprego e nem aposentadoria; o governo Bolsonaro prometeu distribuir a cada parlamentar que apoiar a PEC 6/2019 R\$ 40 milhões (em emendas), para tentar aprovar sua desumana Reforma Previdenciária.

A distribuição de cargos no governo para os indicados dos parlamentares e a promessa de R\$ 40 milhões em emendas se deu às vésperas da votação da PEC na Comissão de Constituição e Justiça (CCJ) da Câmara dos Deputados.

A desumana Reforma de Bolsonaro, que quer aumentar ainda mais a idade de aposentadoria e diminuir os valores pagos, significa, na realidade, impedir que os trabalhadores consigam se aposentar!

A proposta do governo que aumenta para 65 anos a idade para homens e 62 para mulheres, exigindo no mínimo 40 anos de contribuição, obriga os brasileiros a trabalharem quase uma década a mais. Se para o patrão quem tem mais de 40 anos já está velho para trabalhar; e para o governo quem tem menos 65 anos é novo para se aposentar; fica a pergunta: essas pessoas vão trabalhar onde?

O candidato que disse que combateria o “toma lá dá cá” no Congresso, que disse que aumentar a idade para aposentadoria era um ato desumano, agora escancara seu ódio contra a classe trabalhadora e revela que sua “nova política” é a mesma velha política de comprar votos para tentar aprovar sua desumana Reforma da Previdência – a

qual arrancará direitos dos trabalhadores e acabará com o acesso dos mais pobres a benefícios básicos.

Enquanto quer acabar com direitos de quem quase nada tem, o governo Bolsonaro mantém os privilégios dos deputados, senadores, juízes e militares; e mantém também o calote dos patrões à Previdência Pública.

Para barrar a Reforma, é hora da Greve Geral

Mais do que as pesquisas que mostram que a maioria da população trabalhadora é contra a Reforma da Previdência, a indignação contra os ataques aos direitos aumenta a cada dia. Agora é a hora de transformar essa indignação em movimento, é a hora de construir a greve geral para impedir essa Reforma, pois é só na luta que vamos barrar o massacre aos direitos do conjunto da classe trabalhadora!



1º de maio, os desafios e as lutas dos trabalhadores da Rede Federal de Educação

(...) e que minhas veias não terminam em mim senão no sangue unânime dos que lutam pela vida, pelo amor, pelas coisas, pela paisagem e pelo pão, pela poesia de todos.

Roque Dalton

Os tempos são outros, é verdade. Mas não há nada que surgiu que já não estava sendo gestado antes. Se fomos surpreendidos é porque deixamos escapar de nossas análises e ações o central da conjuntura. Para não repetir nossos erros, para sair desse abismo imundo provocado pela burguesia e seu Estado, agora é hora de juntar nossas forças, preparar com cautela os nossos planos e nos colocar em movimento.

Os tempos atuais são difíceis, mas ao mesmo tempo ricos de possibilidades para a elaboração de nossas críticas às propostas reformistas, eleitoreiras e que direcionam nossa classe para o fosso do arrefecimento. Nem desespero e nem descuido. É hora de, com os pés no chão, reconhecermos nossas derrotas e nos prepararmos para o contra-ataque.

Sim, o 1º de maio não é uma data qualquer. Ele traz consigo as experiências de nossa classe para nosso aprendizado. Tantos àquelas vitoriosas, como as derrotadas. Essa data não pode passar como um dia qualquer. Para nós, trabalhadores, é um dia de luta que nos alerta para a importância de nosso movimento sindical.

A Rede Federal de Educação está na mira dos governos há um bom tempo e agora, em ritmo acelerado, os ataques vêm com crueldade e repressão. Em novos tempos, nossas estratégias precisam ser novas também. A política de acomodação de classes ainda predomina na maioria dos sindicatos. A subordinação vergonhosa ao capital mostrou seu potencial destrutivo para nós. Mas



ainda é tempo de nos recuperarmos e isso não ocorrerá naturalmente e muito menos sem a sua participação nas ações que nosso sindicato tem conduzido.

Neste cenário e nestas circunstâncias é que precisamos, decididamente, agir em defesa de nossos direitos, de nossos empregos, na luta imediata contra aqueles que querem nosso fim. Por isso, nosso 1º de maio precisa superar as frases motivacionais, atividades inexpressivas e falácias que, infelizmente, também marcam essa data. Mais do que retomar à cultura de resistência e de luta, precisamos avançar na organização em nossos locais de trabalho para o enfrentamento necessário aos ataques já realizados e aos que estão por vir.

Existe uma relação entre o pacote de reformas que foram e estão sendo encaminhadas no Congresso. Da Reforma Trabalhista (Lei nº 13.467/2017), passando pela Refor-

ma do Ensino Médio (Lei nº 13.415/2017) e, neste exato momento, o movimento da Reforma da Previdência (PEC 6/2019) temos ainda outras tantas medidas que estão diretamente relacionadas ao nosso trabalho. O fio condutor dessas reformas tem, entre outras coisas, a centralidade de reduzir drasticamente a quantidade e qualidade dos Institutos Federais de Educação. Não apenas nossos direitos, mas nossos empregos estão na linha de tiro.

Em tempos como os atuais, somente a luz da participação na luta com a sua seção sindical poderá construir um caminho para a resistência, em tempo, necessária.

Sob diversas alegações, a 158ª Plenária Nacional decidiu adiar o nosso Congresso Estatuinte. Além da afirmação da prioridade da luta contra a Reforma da Previdência, foi alegado que não era momento para discutir vírgulas no Estatuto ou tratar de burocracias.

De fato, o momento exige um Congresso Estatuinte

para cumprir outro papel. São novos tempos que nos apresentam novos desafios e certamente pedem também um novo modelo de sindicato. Não podemos ficar à mercê de “fechamento do sindicato” a partir de um ataque do governo sem antes fazer o exercício de fortalecer a nossa instituição, antecipando os seus passos.

Um Congresso Estatuinte, agora, precisa dar conta das seguintes perguntas: qual é o modelo de sindicato que nós precisamos para o atual período? Qual o melhor formato para a organização e mobilização da nossa categoria? Quais respostas daremos aos diversos ataques que o governo tem organizado contra a Educação Federal?

Nesse sentido, pensamos que é preciso discutir previamente um modelo de organização sindical que vá para além das disposições dos grupos e dos interesses particulares; algumas teses precisam ser debatidas neste caminho. Por exemplo: um modelo de sindicato que tenha uma estrutura centralizada e descentralizada. Centralizada por instituição, mas com representações locais de subseções ou delegados sindicais, permitindo ao mesmo tempo a centralização e a descentralização. A discussão da tese de fim da proporcionalidade na Direção Nacional (DN), para que não tenhamos um sindicato marcado pela inércia, dadas as disputas fratricidas na diretoria.

Precisamos construir uma política de combate às opressões e a forma que ela deve se dar no sindicato. E precisamos debater a possibilidade de construção de um sindicato único da Educação Federal, com a unificação entre SINASEFE, Andes-SN e Fasubra para criação de um grande sindicato, visto que a Educação Federal está sob ataque direto do governo Bolsonaro.

Todos esses elementos precisam ser pensados, amadurecidos e debatidos em nosso próximo Congresso. Estamos diante de um governo que tem por objetivo destruir os sindicatos. Não podemos simplesmente esperar os seus ataques para atuar de forma reativa, por isso o 33º CON-SINASEFE precisa de uma nova data neste ano, não para discutir vírgulas, mas para nos guiarmos por uma velha e importante canção: “quem sabe faz a hora, não espera acontecer.”



Chore meu camarada Vale a pena, camarada

*São tempos de desgraças a atacado
Tempos de inumanidades.
De frieza em meio às chamas*

*Chore meu camarada
Não subestime o poder das lágrimas
São elas que lavam nossas dores e tristezas
Elas são poemas a conta-gotas
inquebráveis escudos que não deformam, nem trincam*

*Chore meu camarada
Pois as lágrimas podem ser felicidade condensada
Ao lado dos abraços,
São elas, as lágrimas
que parem humanidade.*

*Chore meu camarada,
Mas não o faça na frente do inimigo.
Para ele, reserve cada gota
Afie, cada pingo.
Na hora certa, elas serão nossas armas.
Serão os punhais e lanças que cravaremos em seu peito*

*Chore meu camarada
E se disserem que “homem não chora”.
Então, meu caro,
só nos resta não sermos mais homens,
Mas sim, humanos!*

Jelder Pompeo de Cerqueira

*Eles nos prendem vivos...
e saímos mais vivos ainda.*

*Eles nos processam...
e não sabem a quantidade de pessoas que estão processando.*

*Eles nos adoecem...
mas nós nos recuperamos.*

*Não temos nada de especial, é fato.
Mas o que temos é capaz de provocar estragos.*

*Eles, na verdade, têm medo do que temos.
E mal sabem que o que sabem de nós é só a ponta da lança.*

Olha nós aí. Acabando com a paz de cemitério, dando colorido ao cinza da vida que tentam nos pintar...

*Temam, covardes! Somos muitos e quando nos reorganizarmos,
prenderemos com tuas algemas as tuas mãos. Com tuas armas
encerraremos a opressão. Com tuas sentenças faremos uma gran-
de fogueira e ao redor dela festejaremos nossa revolução.*

André Vieira

Expediente

Esta é uma publicação do SINASEFE. É autorizada a reprodução total ou parcial do conteúdo, desde que citada a fonte.

Textos escritos por Camila Marques (coordenação geral)

Diretores de Comunicação: Lucrecia Iacovino e Michel Torres

Edição e revisão: Mário Júnior (MTE-AL 1374)

Design Gráfico: Flávia Destri Garcia

Contatos: dn@sinasefe.org.br e imprensa@sinasefe.org.br

Acesse nosso site: www.sinasefe.org.br



Filiado à

